

v. 5 n.1 (2022) p. 132 – 145

Digital Object Identifier (DOI): 10.38087/2595.8801.128

PSICANÁLISE E ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL: APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E STRAUSS

Adriano Vilar Oliveira¹

Gabriel César Dias Lopes²

RESUMO

Sigmund Freud, pai da psicanálise, revolucionou o mundo com a sua teoria sobre o inconsciente e transformou a forma de se pensar as relações humanas. Além de proporcionar uma teoria para a compreensão do psiquismo humano, Freud, desenvolveu um corpo teórico capaz de se relacionar com as diversas áreas do conhecimento, sem perder seu valor ou seu status teórico. O presente trabalho é fruto de uma jornada dedicada ao estudo da antropologia e da psicanálise e pretende apresentar uma possível articulação entre dois artigos: O Feiticeiro e a Sua Magia e A Eficácia Simbólica do antropólogo Claude Lévi-Strauss, bem como alguns conceitos da Psicanálise. Darei início a escrita deste estudo, em forma de revisão bibliográfica narrativa, através de uma aproximação histórica entre estes saberes: a psicanálise, antropologia, linguística e seus expoentes teórico e em seguida farei com a articulação entre os textos de Strauss e alguns conceitos da psicanálise Freudiana e Lacaniana.

Palavras-chaves: Antropologia. Psicanálise. Lacan. Freud. História.

¹ Acadêmico em Antropologia e Religião na Logos University Int.

² Doutor em Educação, Ph.D em Psicanálise, Mestre em Administração, Bacharel em Administração, Teologia e Direito, Pós Graduado em Psicanálise, Pós Graduado em Neurociência Clínica, Membro da American Psychological Association No. C2103466998, Membro da Australian & New Zealand Mental Health Association No. 10886, Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise, Coordenador da Pós Graduação Lato Sensu em Psicanálise da FACMED, Fundador, Presidente e Reitor AdVitam da Logos University International (UniLogos), Diretor da California University FCE para America do Sul, Membro do Comitê Científico da Olympus Intellectual Center (Atenas, Grecia), Membro do Conselho Consultivo da Khonsu LLC (Louisiana, EUA).

ABSTRACT

Sigmund Freud, father of psychoanalysis, revolutionized the world with his theory about the unconscious and transformed the way of thinking about human relationships. In addition to providing a theory for the understanding of the human psyche, Freud developed a theoretical body capable of relating to different areas of knowledge, without losing its value or its theoretical status. The present work is the result of a journey dedicated to the study of anthropology and psychoanalysis and intends to present a possible articulation between two articles: The Sorcerer and His Magic and The Symbolic Efficacy of the anthropologist Claude Lévi-Strauss, as well as some concepts of Psychoanalysis. I will start this work through a historical approach between these knowledges: psychoanalysis, anthropology, linguistics and their theoretical exponents and then I will do with the articulation between Strauss' texts and some concepts of Freudian and Lacanian psychoanalysis.

Keywords: Anthropology. Psychoanalysis. Lacan. Freud. History

1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, pai da psicanálise, revolucionou o mundo com a sua teoria sobre o inconsciente e transformou a forma de se pensar as relações humanas. A inauguração da Psicanálise enquanto campo de conhecimento proporcionou transformações científicas e sociais sem precedentes na história da humanidade, as ações e desejos humanos que antes eram pensados apenas como um produto de nossa consciência passaram a ser compreendidos como fruto do nosso inconsciente.

Além de proporcionar uma teoria para a compreensão do psiquismo humano, Freud, desenvolveu um corpo teórico capaz de se relacionar com as diversas áreas do conhecimento, sem perder seu valor ou seu status teórico. É de se espantar e de se admirar a capacidade que a teoria psicanalítica possui de interlocução com os diversos temas da ciência e do cotidiano, através da Psicanálise podemos pensar toda e qualquer coisa que seja do campo do humano.

O presente estudo pretende fazer uma articulação entre dois artigos: O Feiticeiro e a Sua Magia e A Eficácia Simbólica do antropólogo Claude Lévi-Strauss e alguns conceitos da Psicanálise. A análise se inicia com uma aproximação histórica entre a psicanálise, antropologia, linguística e seus expoentes teórico e segue com a articulação entres os textos de Strauss e alguns conceitos da psicanálise Freudiana e Lacaniana.

2 Psicanálise, Antropologia e Linguística – Coincidências históricas

Para darmos início a reflexão sobre o tema proposto, proponho pensarmos uma relação entre os grandes expoentes da psicanálise, da linguística e da antropologia, respectivamente: Freud, Saussure, Lacan e Strauss, pois a relação entre essas três ciências e os conceitos desenvolvidos por esses teóricos nos permitirá pensar a relação entre os conceitos apresentados em O Feiticeiro e sua Magia, A Eficácia Simbólica e a Psicanálise.

Freud e Saussure são contemporâneos, assim como Lacan e Strauss também o são. Não podemos afirmar a leitura de Freud sobre a grande obra póstuma de Saussure, mas, podemos afirmar a relação existente entre os conceitos Lacanianos e as obras desses três grandes mestres. Podemos também afirmar a relação de Freud e Lacan com a Antropologia e de Lacan mais especificamente com a linguística. E podemos ainda afirmar a relação de Lévi Strauss com a Psicanálise. Claude Lévi-Strauss pode ser considerado um antropólogo estruturalista, o que significa dizer que ele busca encontrar elementos permanentes e correspondências estruturais entre as diferentes sociedades. Embora Lacan, não possa ser considerado um estruturalista, é inegável a importância que o estruturalismo teve em seu ensino e é em Lacan, que encontramos a máxima, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Durante a obra de Strauss podemos encontrar vários textos que fazem menção as técnicas psicanalíticas e em alguns deles, especialmente nos dois artigos utilizados como referência para este texto, ele chega a discutir conceitos da psicanálise e os relaciona

com a antropologia. Podemos afirmar que Strauss foi um grande leitor de Freud e que se em vários momentos da sua teoria Freud recorreu aos estudos da antropologia para pensar a Psicanálise, também o inverso é válido, Strauss em vários momentos recorre a Psicanálise para pensar a antropologia.

Para pensar a sua teoria, Lacan, como já mencionado, recorre aos estudos do fundador da ciência da linguística, Ferdinand Saussure. Saussure, jamais publicou um texto em vida, suas ideias foram transmitidas a partir de um livro póstumo organizado por Sechehaye e Bally, que se tornou mundialmente conhecido, o Curso de Linguística Geral. Lacan, também recorre aos conceitos da antropologia estrutural para pensar a Psicanálise, nesse tocante encontramos uma coincidência entre a proximidade data de alguns conceitos Lacanianos e alguns textos de Strauss: em 1936 Lacan escreve o texto sobre o Estádio do Espelho, em 1949 Strauss escreve A Eficácia Simbólica dedicado ao filho de Ferdinand Saussure, o psicanalista Raymond Saussure, e em 1953 Lacan conceitua o Simbólico.

3 O Feiticeiro e sua Magia, A Eficácia Simbólica, Totem e Tabu e o Simbólico

3.1 O Feiticeiro e sua Magia

Em “O Feiticeiro e sua Magia”, Claude Lévi-Strauss, irá relatar sobre os mecanismos psicossociológicos subjacentes aos casos de morte por conjuração ou feitiço, o texto demonstra o poder que certas práticas mágicas possuem em toda parte do mundo e como elas são importantes para que certas sociedades consigam se organizar e sobreviver. Neste artigo Strauss demonstra a eficácia de certas práticas mágica e explica quais elementos são necessários para que elas ocorram. Segundo, Strauss: “a eficácia da magia implica na crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas

técnicas; depois, a doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e, por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça”. (Strauss, 1949). Straus demonstra que para que a cura aconteça é necessária à crença na magia por todos os membros da sociedade cada um com a sua função. Para que o xamã consiga exercer o seu papel é necessário que ele acredite que os estados patológicos possuem uma causa e que ela pode ser atingida e que ele possua um sistema de interpretação que abarque os símbolos e signos comuns àquela sociedade. O xamã através de seus ajudantes, chamados de sonhadores, tem conhecimento de tudo que acontece na tribo e de todas as coisas que os membros dela fazem. Nesse sentido o xamã é um manipulador.

Para que a cura seja efetiva é necessário que o doente faça parte de uma sociedade, corpo social, que acredita e valida as práticas realizadas pelo xamã e que o doente também acredite no poder do xamã. Segundo, Strauss: “As experiências do doente representam o aspecto menos importante do sistema, a não ser pelo fato de um doente tratado com sucesso por um xamã ficar especialmente bem situado para tornar-se ele mesmo o xamã, como se vê, ainda hoje, na psicanálise.” (Strauss, 1949) Ao longo do artigo, Strauss vai explicando através de relatos de casos de uma tribo indígena como se dá a validação das técnicas do xamã e o denomina de ab-reator profissional, pois faz o doente reviver o traumático em todos os aspectos, são realizadas comparações entre a ab-reação provocada pelo xamã e a ab-reação em Psicanálise. Strauss ao explicar a cura realizada pelo xamã, diz: “À diferença da explicação científica, não se trata aqui, portanto, de ligar estados confusos e desorganizados, emoções ou representações, a uma causa objetiva, mas sim de articulá-los na forma de uma totalidade ou um sistema válido precisamente na medida em que permite a precipitação, ou a coalescência, desses estados difusos (e também penosos, em razão de sua descontinuidade). Este último fenômeno é confirmado à consciência por uma experiência original, que não pode ser

captada de fora. Graças a seus distúrbios complementares, a dupla doente-feiticeiro encarna para o grupo, de modo concreto e vivo, um antagonismo que caracteriza todo pensamento, mas cuja expressão normal é sempre vaga e imprecisa: o doente é passividade, alienação de si mesmo, assim como o informulável é a doença do pensamento, e o feiticeiro é atividade é a fonte dos símbolos”. (Strauss, 1949).

A cura realizada pelo xamã se dá pelo simbólico, como veremos no final do deste texto ao pensarmos nas diferenças entre a prática do psicanalista e do xamã e do simbólico na cura xamanística e na cura psicanalítica.

3.2 A Eficácia Simbólica

Nesse artigo, Strauss, irá analisar a eficácia simbólica, a partir de um ritual realizado pelos indígenas da tribo dos Cuna. O ritual se dá quando um parto se torna difícil e a parteira por si só não consegue abrandar as dores da parturiente, nesse contexto o xamã é convocado a realizar um ritual que faz a doente reviver o traumático.

Durante o ritual, o xamã convoca elementos míticos que pertencem a cultura dos Cuna para ajudá-lo na cura. Além das forças divinas, o xamã também utiliza totens e a partir da utilização desses elementos e da repetição do canto a dissolução da dor se dá. É interessante ressaltar que a o parto se torna difícil porque a doente cometeu abusos relacionados a uma “entidade” chama Muu, que é a potência responsável pela formação do feto. O que torna o parto difícil é o excesso, ou seja, a falta cometida contra as crenças daquela cultura. Durante o ritual, o xamã utiliza a técnica da narrativa, que se dá através da repetição do canto e da reconstituição de uma experiência real, onde o mito se limita a substituir os protagonistas, Strauss, 1949.

Segundo, Strauss: “A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito

as dores que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. (...) A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põs jamais em dúvida”.

Ao longo do texto Strauss, compara a técnica xamanística às técnicas utilizadas pelos psicanalistas, fazendo aproximações e contraposições e diz: “De fato, a cura xamanística parece ser um equivalente exato da cura psicanalítica, mas com uma inversão de todos os termos. Ambas visam provocar uma experiência; e ambas chegam a isto, reconstituindo um mito que o doente deve viver, ou reviver. Mas, num caso, é um mito individual que o doente constrói com a ajuda de elementos tirados de seu passado; no outro, é um mito social, que o doente recebe do exterior, e que não corresponde a um antigo estado pessoal. Para preparar a ab-reação, que se torna então uma “ad-reação”, o psicanalista escuta, ao passo que o xamã fala.” (Strauss, 1949) Essas ideias presentes no artigo de Strauss, são suficientes para as comparações que serão feitas ao final deste texto.

3.4 Totem e Tabu

Será feita agora uma breve retomada ao texto Totem e Tabu de Freud, pois é a partir deste que podemos pensar o papel xamã no ritual apresentado no texto de Strauss, que pode ser comparado aos atuais rituais religiosos e é este texto também uma das bases para pensarmos o conceito de simbólico em Lacan, e para pensarmos também o significante do Nome-do-Pai, pois em linhas gerais esse é o conceito mediante o qual a função simbólica integra-se numa função que significa a proibição do incesto. Como será abordado no final deste texto.

Em Totem e Tabu Freud se propõe a dar uma explicação global a origem das sociedades e da religião a partir da psicanálise, dando fundamento histórico ao mito de Édipo e a proibição do incesto. Mostrando que a história individual de cada sujeito não é nada mais que a repetição da

história da própria humanidade. Segundo Elisabeth Roudinesco, em relação ao texto Totem e Tabu: “Eis sua essência. Num tempo primitivo, os homens viviam no seio de pequenas hordas, cada qual submetida ao poder despótico de um macho que se apropriava das fêmeas. Um dia, os filhos da tribo, rebelando-se contra o pai, puseram fim ao reino da horda selvagem. Num ato de violência coletiva, mataram o pai e o cadáver. Todavia, depois do assassinato, sentiram remorso, renegaram sua má ação e, em seguida, inventaram simultaneamente a exogamia (ou renúncia posse das mulheres do mesmo clã totem) e o totemismo, baseado na proibição do assassinato do substituto do pai (o totem). Totemismo, exogamia, proibição do incesto: foi esse o modelo comum a todas as religiões, em especial o monoteísmo.” (Roudinesco, 1997, p. 758)

Em Totem e Tabu, Freud, define o que é o Tabu: “‘Tabu’ é um termo polinésio. É difícil para nós encontrar uma tradução para ele, desde que não possuímos mais o conceito que ele conota. A palavra era ainda corrente entre os antigos romanos, cujo ‘sacer’ era o mesmo que o ‘tabu’ polinésio. Também o ‘ayos’, dos gregos e o ‘kadesh’ dos hebreus devem ter tido o mesmo significado expressado em ‘tabu’ pelos polinésios e, em termos análogos, por muitas outras raças da América, África (madagascar) e da Ásia Setentrional e Central. O significado de ‘tabu’, como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de ‘tabu’ em polinésio é ‘noa’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’. Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de ‘temor sagrado’ muitas vezes pode coincidir em significado com ‘tabu’. As restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina, mas pode-se dizer que se impõem por sua própria conta. Diferem das proibições morais por não se enquadrarem em nenhum sistema que declare de maneira bem geral que certas abstinências devem ser observadas e apresente motivos para essa necessidade. As proibições dos tabus não têm fundamento e são de origem

desconhecida. Embora sejam ininteligíveis para nós, para aqueles que por elas são dominados são aceitas como coisa natural.” (Freud, 1996). Ainda em Totem e Tabu, Freud nos diz:

“As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos. Não podemos esperar compreender isso nem testar nossa hipótese com esses dois exemplos, enquanto ignorarmos totalmente o significado e a origem do sistema totêmico. Mas a enunciação desses dois tabus e o fato de sua concomitância farão lembrar a qualquer pessoa familiarizada com os achados de pesquisas psicanalíticas em indivíduos algo bem definido, que os psicanalistas consideram como sendo o ponto central dos desejos da infância e o núcleo das neuroses.”

A partir disso podemos pensar o Complexo de Édipo. Em um explanação breve, este manifesta-se através de dois desejos recalçados o do assassinato do pai e do incesto. Sendo estas também as duas grandes proibições fundadoras de toda sociedade, como mencionado por Freud na citação anterior. A proibição ao incesto e ao assassinato do pai, são os fundadores do complexo de Édipo e base para o significante do Nome-do-Pai. Em linhas gerais é esse conceito que a posteriori será desenvolvido ampliado por Lacan e terá a denominação de Nome-do-Pai, representante da Lei e fundador também da ordem simbólica. Ao longo do texto Freud, fala de vários Tabus, comuns às varias civilizações, citarei aqui apenas o Tabu relativo aos governantes, pois seja esse talvez o que mais se assemelhe ao papel do xamã enquanto autoridade. Em relação ao tabu relativo aos governantes, Freud, nos diz:

“A atitude dos povos primitivos para com seus chefes, reis e sacerdotes rege-se por dois princípios básicos que parecem ser antes complementares do que contraditórios. Um governante ‘não deve apenas ser protegido, mas também se deve proteger-se contra ele’. (Frazer, 1911b, 132.)

Ambos os fins são assegurados por inúmeras observâncias de tabus. Já sabemos por que se deve proteger-se dos governantes. Isso se deve ao fato de constituírem veículos do poder mágico misterioso e perigoso que se transmite por contato, como uma carga elétrica, e que causa a morte e a ruína a quem quer que não esteja protegido por uma carga semelhante. Qualquer contato imediato ou indireto com essa entidade sagrada e perigosa é assim evitado e, se não puder sê-lo, certas cerimônias são imaginadas para impedir as conseqüências temíveis. Os nubas da África Oriental, por exemplo, ‘acreditam que morreriam se entrassem na casa de seu rei-sacerdote; entretanto, podem escapar à pena por sua intrusão desnudando o ombro esquerdo e fazendo o rei pousar a mão nele’. [Loc. cit.] Aqui nos deparamos com o fato digno de nota de o contato com o rei constituir um remédio e uma proteção contra os perigos provocados por esse mesmo contato. Indubitavelmente, contudo, existe um contraste a ser assinalado entre o poder sanador de um contato efetuado deliberadamente pelo rei e o perigo que surge se ele é tocado — um contraste entre uma relação passiva e outra ativa para com o rei.” (Freud, 1996) Para compreendermos o papel do Tabu, saliento a importância de o relacionarmos com o sagrado e misterioso e com o proibido e perigoso e importante dizer que alguém que contravém ao Tabu acaba ele próprio se tornando o Tabu.

3.5 Uma breve consideração sobre o Simbólico

Para dar início a essa breve consideração, utilizaremos uma citação de Marco Antonio Coutinho Jorge em Lacan o Grande Freudiano:

“Lacan parte da evidência de que a linguagem, a cadeia simbólica, determina o homem antes do nascimento e depois da morte. O bebê vem ao mundo humano marcado por um discurso, no qual se inscrevem a fantasia dos progenitores, a cultura, a classe social, a língua, a época etc. Enfim, podemos dizer que tudo isso constitui o campo do Outro, lugar onde se forma o sujeito. Por essa razão Lacan não só insiste na exterioridade do simbólico em relação ao homem, mas também na sua sujeição ao discurso.” (Jorge, 2005)

Podemos pensar o simbólico, como o registro, tem a ver com o saber em jogo na própria experiência psicanalítica, é através do simbólico que conseguimos nos organizar e nos reorganizar para tentar dar conta daquilo que nos falta no real, pois este é impossível de ser simbolizado, é o simbólico também o grande responsável pelas nossas profundas mudanças. O simbólico se constitui na relação com o Outro, ou melhor dizendo, pelos significantes do Outro, e de acordo com Jorge, 2005, “é o que mediatiza o encontro do sujeito com o que é inabordável enquanto tal – o real. Todo futuro relacionamento do sujeito com o seu semelhante e com o mundo externo será sempre mediatizado por essa tela da fantasia, por um lado protetora do real traumático, e, por outro, produtora de uma fixação objetal perversa.”(Jorge, 2005).

É a partir da trama simbólica, que o sujeito constrói as suas relações com o mundo e consigo, é o simbólico aquilo que dá sentido ao que a falta faz surgir. Na falta de, o simbólico entra para poder preencher, porém se a falta remete ao real e este é inapreensível há algo do qual nunca daremos conta e por isso precisamos tamponar de alguma forma.

4 CONSIDERAÇÃO FINAIS

É fato que existe uma relação entre a cura xamanística e o simbólico, a cura xamanística é um ato inteiramente simbólico, é a partir da trama simbólica construída no social e da história coletiva do indivíduo que podemos pensar na

dissolução do conflito.

O Xamã, em seu contexto, possui o “status” de Tabu, ele representa ao mesmo tempo o sagrado e misterioso, e o proibido e perigoso. Ele é em sua cultura a autoridade que se violada é capaz de levar à doença e a morte, mas, que se respeitada e venerada é capaz de curar. O Xamã, cura através do sugestionamento, ele fala ao doente, aquilo que faz parte do universo simbólico do mesmo, e ao provocar a ab-reação, ou seja, a desvinculação da ideia traumática do afeto, ele se utiliza do seu poder no coletivo e o coletivo nada mais é que o Outro e por isso tem tanta importância para que a cura seja efetiva.

Os membros de uma sociedade, denominados por Strauss, como corpo social, são aquilo que encontraremos em Lacan como o Outro, com o qual o sujeito, inserido no campo da linguagem, mantém relação antes mesmo do seu nascimento. É o corpo social, que torna o xamã e sua prática um Tabu. O xamã, assim como o psicanalista trabalha com a palavra, porém em um sentido contrário pois o xamã é aquele que fala ao sujeito e este está assujeitado ao que é dito pelo o Outro, ou seja, em um estado de fragilidade e de pouca atenção voltada ao real, o sujeito esquece a sua subjetividade para poder da voz ao coletivo e reviver o mito.

Ao deixar falar o Xamã, o sujeito a partir da repetição da história coletiva e através dos elementos simbólicos, deixa se curar e sem se questionar ou refletir sobre o que aconteceu, após a cura ele “toca a vida”. Estas foram apenas algumas das possíveis reflexões possíveis de serem feitas a partir do tema proposto.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Totem e Tabu (1913-14). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas).

STRAUSS, C. L. Publicado sob o título: “Le Sorcier et sa magie”, in Les Temps Modernes , 4oano, n o 41, 1949,pp. 3-24.[Em português no Antropologia Estrutural .Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975,pp. 193-213]).

STRAUSS, C. L. (Êste artigo, dedicado a Raymond Saussure, foi publicado, sob o título L’efficacité symbolique, na Revue de l’Histoire des religions, t. 135, n.º1, 1949, pp. 5-27. [Em português no Antropologia Estrutural .Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975, pp. 215-236]

JORGE, M. A. C. Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1 : as bases conceituais – 2.ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

JORGE, M. A. C. . Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2 : a clínica da fantasia – Rio de Janeiro : Zahar, 2010.

JORGE, M.A.C e FERREIRA, N. P. Lacan o Grande Freudiano. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

LAPLANCHE, J. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAUFMANN, P. Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Tradução Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1996.



ROUDINESCO, E. (1997). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.